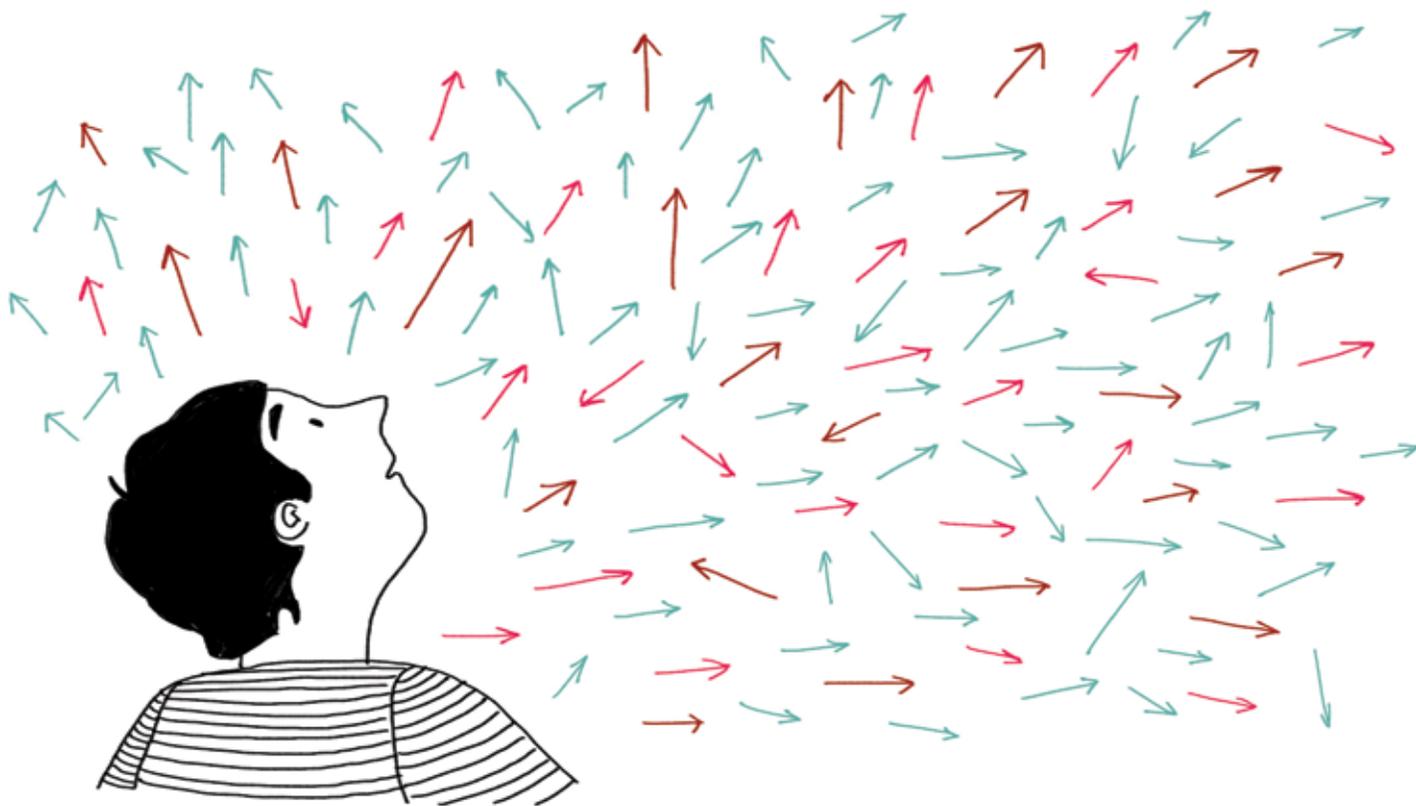


CARREIRAS



MERCADO DE TRABALHO

Orientação para futuros profissionais

Universidades brasileiras investem em serviços de apoio à carreira de alunos e ex-alunos

A transição da universidade para o mercado de trabalho pode ser marcada pela dificuldade de encontrar um emprego condizente com as expectativas profissionais e salariais alimentadas ao longo da graduação.

Trata-se de um processo delicado, por vezes associado à falta de clareza sobre suas aptidões individuais e à necessidade de se construir uma identidade profissional. Diante disso, muitas universidades brasileiras estão investindo na criação de centros de serviços de apoio à carreira, oferecendo a alunos e ex-alunos aconselhamento, palestras e oficinas sobre planos de desenvolvimento profissional e informações sobre o mercado de trabalho, além de orientação sobre como elaborar um currículo e se preparar para uma entrevista de emprego.

A Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) conta com um escritório de carreiras desde 2007.

Voltado ao atendimento de alunos de graduação, pós-graduação, diplomados e intercambistas em estadia na universidade, o escritório oferece orientação sobre planejamento profissional por meio de discussões sobre aspectos relacionados às carreiras dos estudantes, de modo que eles avaliem suas possibilidades de atuação no mercado de trabalho e ganhem mais segurança em suas escolhas.

A Universidade de São Paulo (USP) também resolveu investir nesse modelo de aperfeiçoamento profissional. Inspirado nos *offices*, comuns em universidades do exterior, sobretudo nos Estados Unidos, a USP lançou em março deste ano seu próprio Escritório de Desenvolvimento de Carreiras, órgão ligado à Pró-reitoria de Graduação da universidade. “O objetivo é assessorar os alunos na reflexão, na preparação e no planejamento de suas carreiras a curto,

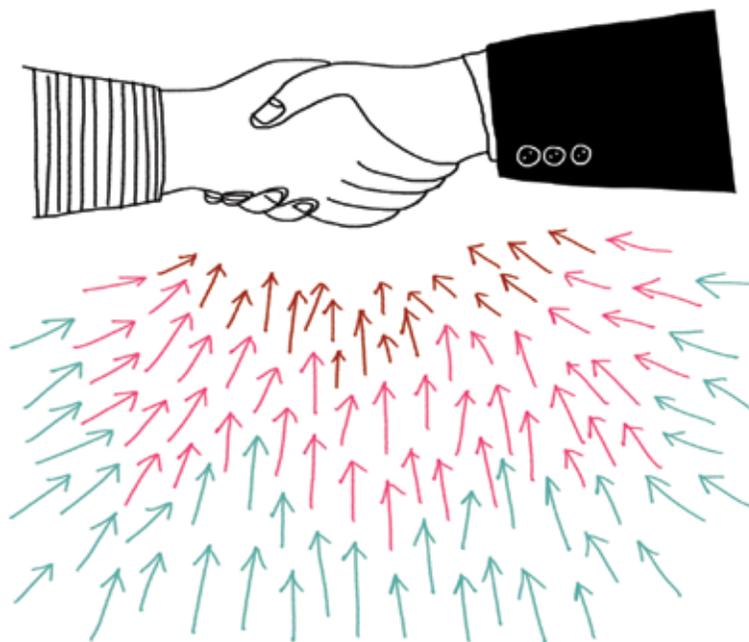
médio e longo prazo, considerando não só sua vida profissional, mas também aspectos diversos relacionados à sua vida pessoal e à sua contribuição à sociedade”, diz Tania Casado, professora da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) da USP e diretora do escritório. Ela explica que muitos estudantes não compreendem as características dos próprios cursos ou as possibilidades de aplicação do conhecimento adquirido no mercado de trabalho.

O escritório, ela explica, vai além da intermediação do contato entre os alunos e possíveis empresas contratantes. A ideia é orientar os estudantes para que obtenham conhecimento sobre o mercado e desenvolvam habilidades que lhes permitam explorar seu potencial.

O escritório conta com a ajuda de 30 voluntários, todos ex-alunos da USP com mestrado, doutorado ou experiência de mercado — alguns são executivos de empresa na área de gestão de carreiras. “Eles desenvolvem atividades de mentoria, quando uma pessoa com experiência orienta outra, com menos experiência”, ela explica. “Eles também nos ajudam a preparar oficinas de carreiras e palestras sobre o mercado de trabalho, cenários econômicos, alternativas de atuação em cada área, entre outros assuntos envolvendo a carreira dos alunos.”

Em 2008, a Universidade do Vale do Itajaí (Univali), em Santa Catarina, apostou em outro modelo de serviço de apoio à carreira e lançou um banco de vagas de empregos exclusivo para alunos e ex-alunos. Nele, as empresas da região e os estudantes da universidade se cadastram pela internet. “Os alunos recebem por e-mail informações sobre vagas que mais se aproximam do perfil de seu curso ou área de conhecimento”, explica Márcia Roseli da Costa, Gerente de Atenção ao Estudante da Univali. Segundo ela, a contratação é feita diretamente pela empresa em contato com os alunos por meio dos currículos que os estudantes anexam às vagas cadastradas.

Já o Banco de Talentos da Escola de Extensão (Extecamp) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) é um sistema on-line, automatizado e dinâmico, dirigido exclusivamente a profissionais graduados que fizeram Cursos de Extensão na Escola de Extensão da universidade. Criado em 2012, o sistema permite que departamentos de recursos humanos de empresas façam uma busca específica



- 1** Voltado a alunos de graduação, pós-graduação, diplomados e intercambistas, o Escritório de Carreiras da PUC-RS oferece orientação sobre planejamento profissional desde 2007
- 2** Escritório de Desenvolvimento de Carreiras da USP, criado em 2016, orienta estudantes para que obtenham conhecimento sobre o mercado e desenvolvam habilidades que lhes permitam explorar seu potencial
- 3** Criado em 2008, banco de vagas de emprego da Univali, em Santa Catarina, oferece oportunidades de trabalho em empresas da região aos seus alunos e ex-alunos
- 4** Desde 2012, o Banco de Talentos da Escola de Extensão da Unicamp permite que empresas façam buscas específicas de acordo com a habilidade de seus profissionais

de acordo com as habilidades preenchidas pelos profissionais formados pela Extecamp.

Ao mesmo tempo, permite que as empresas possam se cadastrar, informar sobre oportunidade de vagas e escolher qualidades e competências esperadas dos candidatos. “Os alunos dos cursos de extensão, incluindo especializações, desenvolvem habilidades muito específicas em áreas como economia, engenharia, humanidades e biológicas”, diz Pedro Carvalho, diretor associado da Extecamp. “Os alunos que tiverem as habilidades predefinidas pela empresa no cadastro são avisados por e-mail sobre a abertura da vaga.” Caso o candidato tenha interesse, pode entrar em contato com a empresa, mas não o contrário. ■ Rodrigo de Oliveira Andrade

Evento estimula a inovação na universidade

Empresários, pesquisadores, estudantes e profissionais das áreas de inovação de 49 países se reunirão em São Paulo em novembro para a sétima edição do Business Innovation Network São Paulo (BIN@SP). Promovido pela Universidade de São Paulo (USP), por meio da Agência USP de Inovação (Auspin), em parceria com as universidades do Porto, em Portugal, e de Sheffield, na Inglaterra, o evento se propõe a criar um espaço de discussão e cooperação entre empresas, universidades e setor público para estimular a inovação e o empreendedorismo no ambiente acadêmico. A ideia é que representantes de empresas de base tecnológica, parques de ciência e tecnologia, investidores e agências de desenvolvimento econômico compartilhem suas experiências, formem redes de colaboração e discutam soluções inovadoras para áreas de interesse comum.

“A inovação e o empreendedorismo precisam ser internacionalizados, e a melhor forma de fazer isso é reunir em um mesmo ambiente atores de culturas diferentes para interagir”, diz o físico Vanderlei Bagnato, professor do Instituto de Física de São Carlos da USP e coordenador da Auspin.

O BIN@SP terá painéis, exposições de empresas com tecnologias desenvolvidas no âmbito do programa Pesquisa Inovativa em Pequenas Empresas (Pipe) da FAPESP e visitas guiadas a empresas incubadas no Centro de Inovação, Empreendedorismo e Tecnologia (Cietec), na cidade universitária. Já no Centro de Difusão Internacional da USP, a European and Latin American Business Services and Innovation Network (Elan) reunirá representantes de companhias brasileiras e de países europeus para discutir possíveis oportunidades de negócio. Mais informações em

bit.ly/2day10f. ■ R.O.A.

PERFIL

Campos experimentais

Agrônomo Marcos Lana deixou o Brasil para se estabelecer como pesquisador na Alemanha e desenvolver um projeto na África



Em agosto de 2007, aos 26 anos, o agrônomo catarinense Marcos Lana acompanhava no Brasil uma comitiva de pesquisadores do Centro de Pesquisa da Paisagem Agrícola de Müncheberg, na Alemanha, quando

foi convidado para participar de um projeto financiado pela União Europeia sobre os impactos das mudanças climáticas na agricultura. À época professor substituto de agronomia e mecanização na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ele aceitou a proposta e, em 2009, se mudou para a Alemanha, onde iniciou seu trabalho como pesquisador no Instituto Leibniz de Pesquisas da Paisagem Agrícola. Em 2010, iniciou o doutorado na Universidade de Kiel sobre os impactos das mudanças climáticas na agricultura no Sul do Brasil. “Sempre quis ter uma vivência como pesquisador no exterior”, diz.

Em 2011, envolveu-se em outro projeto, financiado pelo Ministério da Educação e Pesquisa da Alemanha, sobre segurança alimentar em uma região semiárida da Tanzânia, na África, envolvendo mais de 900 famílias de pequenos agricultores. “Introduzimos campos experimentais para testar práticas que pudessem melhorar as condições de manejo, produção, armazenamento e comercialização de produtos agrícolas”, explica. Com isso, ele diz, pôde aplicar na prática o conhecimento adquirido no Brasil e na Alemanha.

Em 2013, Lana concluiu seu doutorado. Em seguida, começou a trabalhar como professor na Universidade de Potsdam, próximo

a Berlim. Um semestre depois foi convidado para ministrar uma disciplina sobre métodos de pesquisa para produção vegetal no curso de agronomia na Universidade Humboldt, uma das mais antigas da Alemanha. Aos 32 anos, Lana passou a orientar alunos de mestrado e doutorado alemães e brasileiros que faziam intercâmbio. Durante o período em que está na Alemanha, mantém redes de colaboração com pesquisadores brasileiros.

Em 2015, Lana foi um dos quatro brasileiros entre os 100 finalistas que se apresentaram na quinta edição do Falling Walls Lab, torneio internacional de ideias inovadoras em que os participantes têm apenas três minutos para expor sua pesquisa, projeto, plano de negócio ou iniciativa social e convencer os jurados de sua relevância. Ele apresentou um projeto que busca delinear novas formas de criar zonas específicas de manejo de culturas de cana-de-açúcar, de modo que cada área seja tratada segundo suas características físico-químicas.

A ideia, segundo ele, é reunir informações sobre fatores que possam afetar o desempenho da planta em determinada área do campo. “Com esses dados, consigo fazer um diagnóstico mais preciso de cada área”, explica. “Desse modo, é possível fazer uma fertilização ou manejo específico para cada parcela do campo, barateando os custos de produção e reduzindo os danos ambientais, já que o adubo não será depositado em excesso.” Apesar de não ter vencido o torneio, Lana fez contatos importantes com pesquisadores e empresários. “Sou um exemplo da internacionalização da ciência brasileira”, afirma. ■ R.O.A.